

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 26 - PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NA UNIVERSIDADE

A LEITURA/ESCRITA NA UNIVERSIDADE E PARA LÁ DOS SEUS MUROS

Maria da Graça Lisboa Castro PINTO¹

RESUMO: Pretende-se, com esta comunicação, mostrar como é importante o nível de proficiência da leitura/escrita de um estudante que inicia o seu percurso universitário e como estas actividades/habilidades devem ser cultivadas na Universidade e para lá dela por forma a que não se verifiquem posteriormente grandes desfasamentos entre graus académicos e níveis de literacia.

Procurar-se-á ainda relacionar a capacidade verbal dos adultos jovens, nomeadamente nas práticas de leitura e de escrita, com as pesquisas que têm vindo a ser efectuadas em termos do seu maior ou menor declínio em fases mais avançadas da vida.

A tónica desta intervenção recairá assim sobretudo na relação escrita/leitura-cognição.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura/escrita (na universidade); literacia; literacia emergente; reserva cognitiva; cognição

I

Qualquer professor universitário sabe bem que nem todos os seus estudantes apresentam facilidade em escrever textos académicos e que nem todos compreendem devidamente a leitura da bibliografia que lhes é aconselhada. Entende-se assim por isso que actualmente alguns planos de estudo universitários integrem já unidades curriculares como *Métodos e Técnicas de Pesquisa, Técnicas de Comunicação Oral e Escrita, Técnicas de Expressão e Comunicação, Técnicas de Expressão de Português e Produção e Revisão de Textos*. Por outro lado, noutras unidades curriculares, em virtude

¹ Universidade do Porto
Faculdade de Letras
Departamento de Estudos Portugueses e de Estudos Românicos
Via Panorâmica s/n
4150-564
Porto
Portugal

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 26 - PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NA UNIVERSIDADE

da sua especificidade, pode ainda ser trabalhada a escrita de ensaios com ou sem componente experimental. Não será o momento de procurar explicação para tal; no entanto, é sabido que nos países de língua inglesa os cursos de composição destinados aos estudantes universitários conhecem uma tradição bem mais longa do que, por exemplo, em Itália, de acordo com Fabbretti e Zucchermaglio (ver FABBRETTI; ZUCCHERMAGLIO, 2002, p. 63), e mesmo em Portugal.

Se o que acaba de ser referido já podia fazer sentido nas gerações não familiarizadas com as novas tecnologias, uma vez que a escrita “tout court” sempre foi uma tecnologia, a utilização destas, sobretudo na designada “geração da internet”, não retira actualidade ao exercício de práticas de leitura e de escrita conducentes a uma competência de leitura e de escrita tradicional, para além da mediada por computadores, compatíveis com o que a vida académica lhes solicita e a profissional lhes virá seguramente a exigir como requisito.

Também será pois por essa razão que os professores de língua têm sempre de ser contemplados como pilares na formação dos estudantes independentemente dos cursos em que se encontrem, dado que os conhecimentos nesta sociedade que se intitula do conhecimento só podem ser devidamente partilhados quando passarem por uma leitura correcta após a sua fixação através de uma escrita com rigor.

II

Não sou dos que advogam a ideia de que, a nível de um primeiro ciclo universitário, ainda não é oportuno iniciar os estudantes à escrita de ensaios e à leitura de artigos que

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 26 - PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NA UNIVERSIDADE

os familiarizem com a forma como se apresentam os conteúdos que lhes servirão de base científica. Da mesma maneira que o caminho se faz caminhando, também a leitura e a escrita só podem tornar-se habilidades de prática fluente quando o seu uso nas suas várias vertentes se tornar desde cedo uma constante. Se o “efeito Mateus”, baseado na parábola dos talentos segundo São Mateus, serve para ilustrar como as dificuldades criam dificuldades na esfera da aprendizagem da leitura (PINTO, 1998, p. 47), não deixa de nos fazer ainda pensar que no domínio que nos ocupa será bom que os que já possuem possam progredir ao receberem mais e os que possuem menos encontrem meios para superarem as suas dificuldades, em vez de as verem incrementadas, indo assim o mais possível ao encontro do que lhes é ou vai ser exigido.

A referência acima feita à atenção que deve ser conferida, no acto de leitura, à forma de que se revestem os conteúdos veiculados pelos textos não é de todo gratuita; revela-se antes um necessário, porquanto o acesso directo ao sentido quando a leitura se torna automática cria também, por sua vez, uma barreira que oferece obstáculo a um olhar cuidadoso sobre o modo como na prática da escrita se deve recorrer às fontes e dificulta muitas vezes a distinção que deve ser operada entre o que é do domínio da descrição e o que é do domínio da interpretação. Ora, sobretudo a distinção entre descrição e interpretação não é sempre de concretização fácil por parte dos estudantes na altura em que passam à redacção. Com frequência, mesmo sem se aperceberem, introduzem comentários à medida que apresentam os dados a que chegaram. Por outras palavras, sente-se que não estão habituados a organizar mentalmente, com a precisão desejada, o material que devem transpor para a escrita.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 26 - PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NA UNIVERSIDADE

Abriria nesta ocasião um parêntesis para mostrar como, em matéria de descrição e de interpretação, somos, por vezes, confrontados com situações bem diversas. De facto, se por um lado os estudantes tendem a comentar dados que devem ser num primeiro momento unicamente apresentados e só ulteriormente comentados ou discutidos com base na literatura consultada, não é menos verdade que, quando escrevem ou respondem a questões que lhes são colocadas, demonstram em geral mais dificuldade em interpretar do que em descrever. Esta atitude não é estranha a quem domina o que está subjacente à tarefa de descrever e de interpretar em termos de esforço cognitivo. Trata-se, na realidade, de duas actividades psicolinguísticas com exigências distintas. Com base em Goldman Eisler (ver GOLDMAN EISLER, 1968, p. 50), pode avançar-se que da descrição se espera a verbalização de actos respeitando a sequência por que foram vividos ou presenciados, enquanto na interpretação se passa à abstracção do sentido dos acontecimentos com a respectiva distanciação da situação concreta tal como foi vivida, invocando sem dúvida a sua verbalização um maior esforço de reorganização mental. A associação por contiguidade própria da descrição dará assim lugar à associação por similaridade reivindicada pela interpretação (ver GOLDMAN EISLER, 1968, p. 53).

III

Não se julgue, contudo, que escrever é fácil e que, inclusivamente, os que escrevem por ofício o fazem sem que tenham de recorrer à “revisão” e à conseqüente “re-escrita”.

Além disso, a “revisão” da escrita que conduzirá à “re-escrita” implica uma leitura – de preferência realizada em voz alta – que leva também a rever o nosso modo de pensar e

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 26 - PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NA UNIVERSIDADE

de sentir, requerendo mais da nossa memória.² Nesta dinâmica, torna-se patente a escrita como processo que, ao reformular-se, se socorre de “re-elaborações” de ideias que se servem da leitura como apoio à memória em exercício.

De acordo com Donald M. Murray (MURRAY, 1997, pp.1-2) – e numa demonstração de que a escrita e a leitura estão efectivamente interligadas e são da ordem da psicolinguística ao cruzarem a cognição com a linguagem –, sempre que se parte para a revisão de um texto, podemos:

Discover that we know more than we thought.

Change what we think of what we know.

Change what we feel about what we know.

Extend what we know as the draft makes unexpected connections.

Move the point of view from which we view the subject.

E o autor nota ainda: “Do *not* think that revision is superficial. [...] **It is the great adventure of the mind** .” (negrito meu).

Para mim, é efectivamente na dinâmica em que assenta a reformulação da escrita, um perfeito diálogo entre a leitura e a escrita com a intervenção inevitável do pensamento, que reside a essência do acto de escrever.

Escrever corresponde portanto a um processo que tanto pode ser desdobrado em quatro momentos (pré-escrita, escrita, revisão e edição), divisíveis por sua vez em diferentes aspectos (para mais pormenores ver p. 1 do documento referido na nota 2), como em três processos cognitivos (planificação, tradução e revisão), seguindo o modelo clássico de Hayes e Flower (HAYES; FLOWER, 1980) (ver também FLOWER; HAYES,

² Ver p. 1 do documento *Revision. Why Revision?* (4 p.), disponível na web em: <http://oak.cats.ohiou.edu/~ef376600/Narrative/Revision%20Lesson.htm>, acedido em 05-01-2007.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 26 - PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NA UNIVERSIDADE

1981), processos esses que vieram posteriormente a ser reconceptualizados (ver McCUTCHEN, 2006, p.115).

Acontece porém que, apesar de até aqui se ter destacado a revisão como fulcral no processo da escrita, num estudo efectuado por Fabbretti e Zucchermaglio (FABBRETTI; ZUCCHERMAGLIO, 2002) sobre a escrita em estudantes universitários italianos, se verifica nos resultados apresentados por estes estudiosos, com base nos questionários aplicados, que os estudantes no processo da escrita atribuem mais atenção à redacção (50%) do que à planificação (36%) e à revisão (14%), fase esta raramente descrita como aquela a que os estudantes dedicam mais tempo (ver FABBRETTI; ZUCCHERMAGLIO, 2002, p. 79). Neste enquadramento, não resisto a transcrever a seguinte passagem dos autores acabados de mencionar: “La pianificazione e la revisione risultano essere abbastanza marginali rispetto alla stesura, aspetto questo che caratterizza gli scrittori inesperti” (FABBRETTI; ZUCCHERMAGLIO, 2002, pp. 80-81).

Independentemente de as respostas aos questionários referidos irem ou não ao encontro dos conceitos mencionados com o grau de precisão desejado, não restam dúvidas de que quem escreve tem de ter uma ideia prévia e essa ideia tem de atingir sem equívocos o leitor, tendo por isso o agente da escrita de veicular o conteúdo em causa por meio de uma redacção clara, concisa e obedecendo a uma organização lógica em que se depreenda sem grande dificuldade o conhecido “who’s kicking who[m]?” – de ocorrência frequente nos textos que se reportam à obra de Richard A. Lanham (ver, por exemplo, LANHAM, 1979) em que o autor se ocupa da remoção em língua inglesa do que designa por “lard” na escrita –, para tornar a redacção mais aligeirada e permitir que

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 26 - PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NA UNIVERSIDADE

a sua leitura se processe mais facilmente ao facultar um acesso mais directo ao conteúdo a transmitir. Por outros termos, a escrita não deve aparecer demasiado recheada de palavras, muito redundante, formulada sem rigor e desprovida dos constituintes necessários à apreensão do sentido que deve ser comunicado. Uma escrita com tais características, *i.e.*, com frases “doentes”, necessitará seguramente de recorrer a uma cura que se socorre do *método paramédico* de Richard Lanham.³ A cura destinada ao tratamento do “factor lard”, de acordo com a primeira referência constante na nota 3, consiste – após serem sublinhadas as preposições das frases consideradas “doentes” e assinaladas por meio de círculos todas as formas verbais auxiliares nelas constantes no intento de serem o mais possível removidas, mantendo-se todavia o significado original – no seguinte:

1. Ask “who is kicking who?” (In every sentence someone or something is doing something. Find the real action.)
2. Put this action into a simple, active verb.
3. Ask “who?” or “what?” to find the subject of this verb.
4. Put the subject and verb first, and rewrite your sentence. “Start fast, no mindless introductions.”

Não prescindindo, neste momento, de transcrever uma passagem de Grant-Davie (GRANT-DAVIE, 1995, p. 1 de 20) a respeito da redundância na escrita:

Redundancy is widely seen as a kind of linguistic cholesterol, clogging the arteries of our prose and impeding the efficient circulation of knowledge. However, I will argue

³ A este respeito ver o documento *A Cure for wordiness. Richard Lanham's paramedic method for sick sentences*, disponível na web em www.ryerson.ca/writingcentre/students/handouts/.../lanham.pdf, (2 p), acedido em 05-09-2009, e ainda o documento *Lard Factor Formula*[W, W3**]. (# Words in Original Sentence – # Words in the Revised Sentence)/# Words in Original Sentence (O-R)/O*, (1 p.), disponível na

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 26 - PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NA UNIVERSIDADE

that, just as a more thorough understanding of cholesterol reveals the existence of good cholesterol (HDL), as well as bad (LDL), so a broader view on the principle of redundancy reveals its effectiveness in certain situations, particularly beyond the sentence level.

Com efeito, não está em causa qualquer tipo de mutilação. Está antes em causa melhorar a escrita e fazer com que quem escreve olhe para a sua escrita de forma crítica e com a preocupação de a melhorar para que ela se torne de compreensão fácil ao leitor.

A ideia de que uma frase deve comportar um verbo, a fim de que se possa saber do que se trata, e constituintes que completem o sentido desse verbo, em conformidade com o “who is kicking who[m]” já mencionado, também era realçada, com uma ênfase muito particular, por Andrée Girolami-Boulinier quando esta autora trabalhava, já a nível do oral, a compreensão e a construção de frases pela criança nas suas sessões de ortofonia com vista a reeducar a linguagem no quadro de uma pedagogia do imediatismo (ver GIROLAMI-BOULINIER 1987 e 1993, bem como PINTO, 1994, pp. 41-68).

É verdade que, quanto mais recheada for a frase de constituintes/complementos, também por razões que se prendem à memória operatória⁴, tanto mais necessária se torna a releitura do que se vai escrevendo com a finalidade de a organização lógica da frase complexa não ser perturbada ou poder vir a ser completada e mesmo corrigida no caso de se sentir que algo está em falta ou não faz sentido.

Para documentar o parágrafo anterior no tocante a uma produção escrita a que falta uma menção explícita àquilo “de que se trata” no dizer de Girolami-Boulinier (GIROLAMI-BOULINIER, 1987, p. 34) ou aos elementos que integram o referido “who’s kicking

web em www.jesuitcp.org/facultypages/Mdegen/Lard%20Factor%20Formula.doc, acedido em 23-03-2005.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 26 - PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NA UNIVERSIDADE

who[m]?”⁵, afigura-se-me de grande pertinência transcrever o excerto que se segue. Trata-se de um trecho, propositadamente truncado e adaptado por mim em diversos momentos, da autoria de um antigo aluno da Universidade do Porto, que, provavelmente em resultado da sua formação, não terá por hábito uma prática de escrita assente na reflexão analítica por ela reclamada ou que talvez tenha sido involuntariamente traído pela sua própria memória operatória ao invocar, logo no início da sua produção escrita, um número considerável de pormenores em torno da vida da pessoa que descreve, facto que lhe terá motivado um corte na prossecução do seu pensamento/raciocínio.

Pode então ler-se:

Com a [...] [sua] inclinação natural para as viagens imaginárias, navegações ao largo de todos os mares, cartas [...] [e] mapas, “[qual ...]”, não esquecendo o andar a [...] [procurar] [...] os papéis deitados fora [...], onde encontrava [...] mapas de navegação [...] de todas as partes do mundo, as primeiras de [...], mais tarde de [...], começando a desenvolver e alicerçar qual o curso superior que iria tirar, ajudado pelo ambiente [...] [familiar], de [...], que aliás foi quase uma surpresa, pois julgavam que iria para [...], visto qualquer coisa servir para transformar [...].

Denota o excerto em discussão uma escrita que poderá dizer-se que comporta, em certa medida, o (factor) “lard” (ver, por exemplo, LANHAM, 1979) ou a “adiposidade estilística” no dizer de José Júdice, que neste caso servirá menos, em parte, para obscurecer o que o autor pretende dizer ou para o afastar de uma escrita clara, atractiva e porventura concisa (ver JÚDICE, 1997, p. 50), mas mais para o conduzir a um impasse, que acabará mesmo por lhe passar despercebido, porquanto termina o trecho

⁴ Ver PINTO, 2008, cap. V, e PINTO, no prelo, I Parte.

⁵ Ver primeiro documento referido na nota 3.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 26 - PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NA UNIVERSIDADE

como se se tratasse de um parágrafo. A ausência da menção ao sujeito da oração principal, bem como da menção ao respectivo verbo/predicado e aos eventuais complementos por este requeridos com vista a precisarem-lhe o sentido, prejudica o conteúdo que deveria ser transposto para a escrita e que, porque não o foi, concorre para um bloqueio na sua transmissão.

IV

Não se tome, portanto, como um dado adquirido à partida que todos escrevem bem logo à primeira e que o resultado da leitura de um texto é obrigatoriamente idêntico para todos os leitores.

O exemplo de escrita apresentado, sendo de um diplomado pela Universidade, pode sugerir que se pergunte:

A despeito de estarem nesta altura em discussão as práticas da leitura e da escrita na universidade, não será de pensar sobre o que se passará a montante e a jusante dessa passagem pela universidade no que se reporta a essas práticas?

Aquém e para lá dos muros da universidade não terão de se situar também práticas de leitura e de escrita que nos levem a olhar para o objecto em apreço como se de um *continuum* se tratasse?

Alice Vieira destaca bem esse *continuum* quando, à questão “**As crianças e jovens são os que mais lêem neste país. Mas são bons leitores?**”, que lhe foi colocada por uma jornalista numa entrevista, responde:

São. Muito por causa da escola, resta saber é se quando saem da escola continuam a ser bons leitores. Penso que temos de os cativar para o gosto da leitura muito antes disso,

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 26 - PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NA UNIVERSIDADE

desde bebés, habituá-los a mexer nos livros, contar-lhes as histórias, só assim serão adultos que lêem.⁶

Se, no que toca a esta entrevista, a resposta à jornalista recaía na leitura, o mesmo poderá sem dúvida pensar-se, em meu entender, no que concerne à relação do Homem com o mundo da escrita em geral, nela estando evidentemente incluída a prática da escrita.

Não será por acaso que Leonor Meneses, uma estudante de um dos seminários por mim ministrado a nível de mestrado⁷, a respeito da leitura/escrita, escreve a dado momento:

Quando se chega à Universidade, já temos um percurso de uma história de vida. Isto quer dizer, entre outras coisas, que nesse percurso se inscreveu a questão da leitura e o que a ela se pode ligar – hábitos de leitura, falta de hábitos de leitura, prazer ou desprazer, leituras obrigatórias ou leituras advindas da disponibilidade e da liberdade de cada um.

Esta passagem faz-nos pensar de imediato nos vários perfis que circulam na universidade, perfis que devem ser burilados em conformidade, com o intuito de preparar diplomados aptos a gerir sozinhos as suas potencialidades na vida que os aguarda após o percurso universitário. De facto, como prossegue Leonor Meneses, “[...] não há um receptor-tipo nos bancos da Universidade. Há uma multiplicidade de receptores, se calhar, tantos quantos os discentes.”

⁶ *TodosOsNomes »nm#900«entrevista*. Alice Vieira. *notíciasmagazine* 23 AGO 2009, pp. 24-30. Texto Catarina Pires. Fotografia Rui Coutinho (p. 29).

⁷ Maria Leonor Fonseca Meneses, minha ex-aluna da unidade curricular *Psicolinguística e Ensino de Línguas* do 2.º semestre do ano lectivo de 2008-2009 do *Mestrado em Ensino do Português 3.º Ciclo Ensino Básico e Ensino Secundário e Língua Estrangeira no Ensino Básico e Ensino Secundário*, é autora do testemunho a que recorri em vários momentos deste texto acerca das práticas da leitura e da escrita usadas na referida unidade curricular.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 26 - PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NA UNIVERSIDADE

Nestas circunstâncias, apesar de os discentes em causa já deterem capacidades para praticarem uma gestão eficaz das suas estratégias de aprendizagem também no que toca às práticas de leitura e de escrita, não deixa de fazer sentido questionar qual será o dever da universidade.

Para Leonor Meneses, “[...] é dever da universidade possibilitar e dar a conhecer o maior número de textos possível.” E prossegue da seguinte forma:

Os professores devem desempenhar a função de inovadores e procurar estratégias que assentem na resolução de problemas de leitura, compreensão e escrita, dando a conhecer cada vez mais perspectivas diversificadas de diferentes autores; este paradigma, no que respeita à concepção do conhecimento, implica mudanças significativas no que se refere ao desempenho do professor, nomeadamente na forma como organiza o processo de ensino-aprendizagem, para possibilitar que os alunos construam o seu próprio conhecimento, permitindo-lhes a vivência de leituras diversificadas onde possam adquirir e desenvolver competências e habilidades que os preparem melhor para a vida e deste modo alargar a investigação e o pensamento.

Ressaltam do transcrito, por um lado, o papel do professor na construção do conhecimento dos estudantes com base em práticas ajustadas de leitura e de escrita, o que nos situa numa esfera psicolinguística e, por outro lado, as repercussões da sua actuação junto dos estudantes nas vidas futuras destes após a sua passagem pela universidade.

Que se poderá então esperar, na universidade, da vivência com a escrita?

Devolvo novamente a Leonor Meneses a palavra a fim de ficarmos ao corrente de como viveu na universidade a sua relação com os textos:

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 26 - PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NA UNIVERSIDADE

No que me diz respeito, por exemplo, na disciplina de Psicolinguística e Ensino de Línguas, fui confrontada com muitos textos e, claro, com vários textos de diferentes autores com conceitos diferentes e apoiando-se em várias áreas de estudo sobre o mesmo tema. Se digo confrontada é porque a atitude de leitura desses vários textos sobre o mesmo tema me obrigou a vários níveis de confronto. O primeiro de mim com cada um dos textos separadamente; o segundo com os vários textos perante o mesmo tema, ou seja, o que os distingue e o que os associa; o terceiro nível de confronto, de novo o de mim própria com a síntese comparativa obtida e a minha opinião pessoal.

Conforme se pode depreender das palavras de Leonor Meneses, há muito de extra-universidade – e que constitui a vida-texto de cada discente – que dialoga com os textos aconselhados pelos docentes e há igualmente um diálogo entre os textos recomendados, cujo resultado final também fica devedor do agente do processo de leitura. Estabelece-se então um jogo de forças entre o intra e o extra-universitário, advindo seguramente desse jogo um enriquecimento do estudante, provavelmente mais enquanto cidadão do que unicamente enquanto estudante universitário.

Todo este trabalho de leitura não tem em vista que o estudante fique circunscrito unicamente à leitura, tem sim como objectivo que faça igualmente da leitura um meio de aperfeiçoamento da escrita, uma vez que ambas se nutrem mutuamente quando praticadas em termos de processos que assentam numa contínua aprendizagem.

No seu testemunho em torno da leitura/escrita na universidade, Leonor Meneses, apoiada no que lhe foi solicitado na unidade curricular “Psicolinguística e Ensino de Línguas”, também no que tange à escrita adianta:

O estudo comparativo e finalmente sintetizado resultou de um trabalho reflexivo sobre a linguagem escrita. E, por sua vez, esse estudo reflectir-se-á num trabalho escrito pelo

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 26 - PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NA UNIVERSIDADE

receptor, trabalho que deverá usar algum termo técnico ou definição de conceito retirados dos textos estudados. Dir-se-á que a linguagem usada “copia” o que encontrou. Mas no trabalho de síntese referido como último nível, o receptor usará a sua linguagem própria matizada com o que de fundamental pensou retirar dos textos. Já não é a linguagem copiada, mas a linguagem reflectida.

E as oportunidades de jogo neste contexto são afinal várias. Agora, a “cópia” já não é “cópia” mercê do facto de o pensamento se colocar de permeio funcionando como um filtro que, ora de banda larga, ora de banda estreita, acaba por deixar como resíduo a escrita na sua configuração final, resultante de confrontos contínuos entre a linguagem, que a leitura nos devolve, e o pensamento.

Encerra assim Leonor Meneses este seu depoimento/testemunho:

Ora, este tipo de trabalho universitário permite não só o acrescentamento do saber, pela leitura, daquele que estuda, mas também (e igualmente importante) adquirir a consciência da relação de posições do saber e da vocação “universal” que compete à própria Universidade fomentar. Concluindo, e como é óbvio, o posicionamento perante os textos e as suas interpretações também está relacionado com o percurso da história de vida referido no 1.º parágrafo.

V

Olhando para o título desta comunicação, não poderão deixar de fazer todo o sentido as expressões “o percurso da história de vida” e “um percurso de uma história de vida” que encontramos no testemunho de Leonor Meneses a respeito da leitura e da escrita. Tal percurso terá de ser entendido cronologicamente e também no que concerne ao modo como foi vivido.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 26 - PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NA UNIVERSIDADE

Se nos reportarmos aos primeiros anos de vida, começa a ser um lugar-comum referir que devem ser lidos livros de histórias às crianças desde cedo e ouvir dizer que tal prática contribui para criar hábitos de leitura, para desenvolver a linguagem e para familiarizar a criança com o registo escrito. Acontece, no entanto, que o tipo de prática de leitura também pode afectar positiva ou negativamente ora os interesses da criança, ora a literacia que se pretende que emerja, dependendo do grau de prazer que se gera na situação de leitura e do carácter efectivo ou não que emana da interacção entre o adulto e a criança nesse acto conjunto de leitura (ver BUS; van IJZENDOORN; PELLEGRINI, 1995, p. 18). Esta observação leva-nos igualmente a pensar no papel dos pais como educadores e agentes de literacia e como a sua possível passagem pela universidade contribuiu de um modo ou de outro para lhes fornecer meios conducentes às práticas mais ajustadas neste âmbito ou os consciencializou de alguma maneira para tal tarefa, visto que o ambiente em casa pode albergar de facto as experiências que fomentam o desenvolvimento do oral e da escrita (ver SÉNÉCHAL et al., 1998, p. 96 e, para mais pormenores, SÉNÉCHAL et al., 1996, SÉNÉCHAL; LeFEVRE, 2002, SERPELL et al., 2002).

O termo “literacia emergente”, que, de acordo com Sulzby e Teale (SULZBY; TEALE, 1996, p. 728), “has expanded the purview of the research from reading to literacy” – uma literacia de índole naturalmente cognitivo-psicológica que se desenvolve no ser humano à medida que este mantém uma relação próxima com o material impresso e com a sua descodificação e compreensão e que culmina na capacidade de ler e de escrever quando este se torna alfabetizado (SOARES, 2001, p. 47), mas porventura sobretudo uma literacia de teor sociocultural assente no contacto com práticas sociais

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 26 - PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NA UNIVERSIDADE

inerentes ao mundo da escrita em geral (ver DE LEMOS, 2002, p. 3) que o elevam ulteriormente ao estatuto de letrado (SOARES, 2001, p. 47) – “signals a belief that, in a literate society, young children – even 1- and 2-year-olds – are in the process of becoming literate” (SULZBY; TEALE, 1996, p. 728). Ora, esse processo que conduz a criança à descoberta da escrita alicerça-se sem dúvida no que ela aprende através do seu empenhamento activo do ponto de vista social e cultural (ver NEUMAN; ROSKOS, 1997, p. 10) e requer a promoção de meios e ambientes ricos em experiências relacionadas com a escrita, porquanto estes lhe fornecem uma maior oportunidade para que ela se envolva em acontecimentos relacionados com uma literacia assente na acção, *i.e.*, praticada num contexto de actividade (ver NEUMAN; ROSKOS, 1997, pp. 10 e 29).

E se se deve recuar aos primeiros anos de vida para encontrar os momentos em que o processo de literacia inicia o seu trajecto, tal facto verifica-se porque, nessa altura, é possível encontrar habilidades comuns exigidas tanto pela compreensão de textos como, por exemplo, pelo jogo simbólico (WESTBY; WILSON, s/d, p. 6 de 24), enquanto comportamento, entre outros, que radica no aparecimento da função semiótica ou simbólica (ver PIAGET; INHELDER, 1975, pp. 42-43). Essa constatação motivou que se passasse a dar uma atenção especial nos últimos tempos às relações entre o jogo simbólico e a criatividade, a cognição, as habilidades sociais, a linguagem e a literacia (ver WESTBY, 2000, p. 17). Efectivamente, quando a criança, ao brincar, transforma uma coisa noutra, ela começa a separar o sentido dos objectos, o que conduz ao estabelecimento das bases para compreender outros sistemas de representação, como a escrita, e à substituição dos objectos e dos contextos por formas mais abstractas graças

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 26 - PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NA UNIVERSIDADE

às modificações que se vão operando a nível das suas representações mentais (ver NEUMAN; ROSKOS, 1992, p. 204).

A descontextualização também poderá considerar-se um denominador comum ao jogo e à linguagem, na medida em que quer o jogo simbólico, quer a leitura e a escrita de acordo com Westby “require the ability to comprehend and use language without the benefit of contextual support from the environment” (WESTBY, 2000, p. 44).

A transformação e a descontextualização que a criança vai sendo capaz de operar, em resultado do desenvolvimento cognitivo e do processo de descentração que está a viver (ver PIAGET, 1979), servem assim vários comportamentos assentes na representação e manifestam-se indispensáveis quando o tópico em causa é a literacia emergente, literacia que deve conhecer um palco de acção antes da entrada na escola, antes do ensino formal.

A separação do espaço-escola do espaço que não lhe está circunscrito é igualmente realçada por MacArthur (MacARTHUR, 2008) quando nos assinala o impacto das novas tecnologias.

Para este autor, é bem possível que o impacto das novas tecnologias no campo da escrita tenha menos a ver com a sua utilização na escola do que com a troca de experiências dos estudantes fora desta e com o que lhes é exigido como habilidades depois do seu percurso escolar (ver MacARTHUR, 2008, p. 260). Além disso, não me coíbo de sublinhar o que MacArthur refere em relação à prática da escrita e que poderá estar intimamente associado ao facto de as novas tecnologias serem especialmente usadas externamente à escola. Não obstante o autor anotar que ainda não existe pesquisa empírica suficiente para sustentar o que avança, afirma que “The authenticity of the

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 26 - PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NA UNIVERSIDADE

writing and the technology may also motivate students to write more” (MacARTHUR, 2008, p. 259). Para MacArthur, por isso, a escola e a literacia podem sofrer uma influência mais directa das tecnologias mediadas por computador. A ser assim, para este autor, as escolas, na sua função de ensinar a ler e a escrever, têm de estar mais abertas a estes meios do que estiveram a outros *media* mais populares (rádio, televisão e cinema). Na verdade, a conjugação de meios (texto + gráficos + vídeo + som) poderá alargar a literacia normalmente praticada nas escolas. Por outro lado, ainda de acordo com MacArthur, as tecnologias electrónicas fazem passar os estudantes de meros leitores e consumidores para agentes empenhados na produção e na escrita com implicações em termos da forma como, enquanto pessoas, passarão a comunicar e a compreender o mundo (MacARTHUR, 2008, p. 248). Nesta linha de pensamento, em BEVORT et al., 2007, p. 40, observa-se a importância de, no âmbito da Sociedade do Conhecimento, aproximar a literacia dos *media* dos cidadãos, através da inclusão dessa literacia não só no ensino formal, mas também no não-formal. Por sua vez, PÉREZ TORNERO, 2007, p. 103, também reforça a ligação da literacia dos *media* à cidadania quando escreve: “media literacy is a necessary part of *active citizenship*”.

O mesmo autor vê a literacia dos *media* não de modo isolado, mas sim como uma habilidade que implica e envolve as outras literacias: a da leitura e da escrita, a audiovisual e a digital ou da informação (PÉREZ TORNERO, 2007, p. 103). Quando bem dominada, esta literacia conjunta contribui para a formação de consumidores informados e de produtores de informação, ao outorgar-lhes um pensamento crítico e uma capacidade criativa de resolver problemas, em virtude de, como ainda referem ZACCHETTI; VARDAKAS, 2007, p. 117, ela poder compreender – no sentido da sua

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 26 - PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NA UNIVERSIDADE

possível definição em compreensão – “the ability to access the media, to understand and critically evaluate media contents and different aspects of the media and to create communications in a variety of contexts.”

Depreende-se que o momento não é só de formar diplomados, é sobretudo de formar cidadãos activos, com capacidade crítica e aptos a, por sua iniciativa, partirem em busca dos conteúdos de que necessitam e a protegerem-se dos que lhes podem ser prejudiciais. À criança devem portanto ser facultados tanto o ambiente propício ao contacto com a leitura, a escrita e o material impresso antes de entrar na escola, como uma inevitável familiaridade progressiva e bem orientada com os novos *media*. Provirão certamente desta conjugação repercussões importantes seja em termos de memórias e de inteligências postas à prova e em desenvolvimento, seja em termos do futuro rendimento escolar e da abertura para novos conhecimentos.

Espera-se, por conseguinte, que a escola nos vários níveis, estando obviamente nela incluída a universidade, abra as portas a agentes de aprendizagem preparados da melhor forma para o percurso que lhes oferece de maneira a que dela saiam diplomados com capacidade de enfrentar o mundo do trabalho com as qualificações que a sociedade de hoje reclama.

A Sociedade do Conhecimento em que nos movemos não se compagina porém com cidadãos que se sintam conformados com os seus diplomas. Por outras palavras, a formação contínua aguarda-os e, neste mundo dominado por incertezas, é mais certo que seja menos a sua escolha que prevaleça do que o que lhe possa ser imposto quando tiver de se actualizar. Do ponto de vista cognitivo, independentemente da opção, prosseguir a formação será sempre vantajoso. De resto, também já se tornou hoje um

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 26 - PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NA UNIVERSIDADE

lugar-comum falar de “aprendizagem ao longo da vida” (ver, entre outros PINTO, 2008). O provérbio “Parar é morrer” transfere-se assim para o plano intelectual e ganha um sentido quase literal quando deparamos com o caso dos que, chegando à reforma sem nunca se terem preparado para ela, se encontram perfeitamente perdidos sem saber como preencher as horas que antes, enquanto agentes activos no mercado do trabalho, sentiam que não eram em número suficiente para dar cumprimento a todas as suas obrigações. Na minha opinião, vem a propósito, neste contexto e no âmbito do título desta comunicação, a seguinte passagem extraída de um estudo acerca das práticas de leitura em adultos: “Therefore, it is important to examine adults’ reading practices in contexts outside of school, such as work, family, and leisure” (SMITH, 1995, p. 199). Dito diferentemente, a ocupação intelectual, no caso da leitura com as subsequentes implicações ao nível de literacia daí advindas, deve ser uma prática contínua durante a vida.

Salvo raras excepções, também os que passaram pela universidade e que exerceram profissões que lhes exigiam esforço cognitivo sentem necessidade de uma ocupação intelectual, para além necessariamente da prática de exercício físico, a fim de não sentirem o peso da ausência do trabalho que exerceram profissionalmente.

Cada um deve pois encontrar as actividades que melhor se lhe ajustam no que respeita às práticas da literacia. Subentendem-se aqui facilmente a leitura e a escrita, que devem estar para o desenvolvimento das habilidades ligadas à literacia como a prática repetitiva para as habilidades competitivas dos atletas (ver SMITH 1995, p. 199).

A referência ao que possa ser efectuado no domínio da leitura e da escrita para lá dos muros da universidade justifica-se na medida em que, como adiantam certos estudiosos,

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 26 - PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NA UNIVERSIDADE

“it is clear that linguistic ability in young adulthood is predictive of linguistic ability in late life and that linguistic ability gradually declines over the life span” (KEMPER et al., 2001, p. 238). Poderá então deduzir-se que o que se investe nas capacidades linguísticas em fases iniciais da vida terá repercussões condizentes ao longo da existência (ver SNOWDON; GREINER; MARKESBERY, 2000, p. 34). Se todas as actividades de lazer, intelectuais ou físicas, são relevantes, revelar-se-á certamente significativa a prática da leitura e da escrita porque contribuirá para a obtenção de níveis de literacia mais elevados e passíveis de oferecer maior resistência a ulteriores declínios ou para a obtenção da desejada reserva cognitiva, i.e., “the capacity of the brain to resist the expression of symptoms in the face of existing neuropathology” (SNOWDON, 2003, p. 453), muito embora se tenha também de contar naturalmente com predisposições genéticas difíceis de controlar ou de contrariar (ver PINTO, no prelo).

A literacia, no fundo o ensino informal, fora da escola, ocorre porventura mais realçada neste texto do que os anos de escolaridade, facto que nos remete, por exemplo, para o que afirmam Manly et al. em relação ao que lhes revelou o seu estudo levado a cabo em pessoas de idade de diversas etnias: “We found that literacy level was a better predictor of decline in memory, executive function, and language skills than was years of education” (MANLY et al., 2005, p. 213). Com efeito, com base na mesma fonte, o nível de literacia “does not assume that all persons get the same amount of learning from a certain grade level” (MANLY et al., 2005, p. 216). Ademais, os autores mencionados consideram que o nível de literacia devia ser uma variável a ser incluída em pesquisas desta ordem, na medida em que o estudo em causa sugere que o nível de

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 26 - PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NA UNIVERSIDADE

literacia é um importante indicador de reserva cognitiva (ver MANLY et al., 2005, p. 216).

VI

Para concluir, retomaria a filosofia popular com o provérbio “Mais vale burro vivo do que sábio morto”. Sem pretender comparar o “burro” deste provérbio com o “sábio” que também nele surge, é meu entendimento que, durante a nossa existência, será talvez mais prudente assumir o papel de quem não sabe e deseja ir continuando a sua actualização, neste caso através da leitura e da escrita, do que de quem, já se achando no limite da sua erudição, prescinde de prosseguir. “Parar é morrer” constituiu precisamente o meu primeiro recurso à filosofia popular.

Tenhamos conseqüentemente como objectivo trabalhar para a “reserva cognitiva” e não nos sintamos nunca satisfeitos com o que tenhamos conseguido acumular até ao momento.

Lembremo-nos porém de que a partilha corresponde igualmente a uma atitude benéfica de estar na vida e de que a literacia não se pode circunscrever a um espaço hermético, sem contacto com o mundo que nos circunda com todas as suas particularidades e também obviamente virtualidades.

Referências bibliográficas:

Bevort, E.; Frau-Meigs, D.; Jacquinet-Delaunay, G. ; Souyri, C. 2007. From Grünwald to Paris. Why media education? In Carlsson, U.; Tayie, S.; Jacquinet-Delaunay, G.; Pérez Tornero, J. M. (Eds.). 2007. *Empowerment through media education. An intercultural dialogue* (pp. 37-47). Nordicom at Göteborg University: The International Clearinghouse on children, Youth and Media in co-operation with UNESCO, Dar

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 26 - PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NA UNIVERSIDADE

Graphit and the Mentor Association (258 p.). Consultada versão impressa a partir da versão *online* disponível na web em:

<http://mec.bethlehem.edu/Resources/Empowerment%20Through%20Media%20Education1.pdf>, acessado em 18-09-2009.

Bus, A. G.; van IJzendoorn, M. H.; Pellegrini, A. D. 1995. Joint book reading makes for success in learning to read: A meta-analysis on intergenerational transmission of literacy. *Review of Educational Research*, Vol. 65, N.º 1, pp. 1-21.

De Lemos, M. 2002. *Closing the gap between research and practice: Foundations for the acquisition of literacy*. Melbourne, Australian Council for Educational Research (ACER), (41 p.). Versão disponível na web em:

http://acer.edu.au/research/Research_reports/Literacy_numeracy_reviews.htm, acessado em 06-06-2004.

Fabbretti, D.; Zucchermaglio, C. 2002. Scrivere all'università. Rappresentazioni e pratiche di scrittura degli studenti universitari italiani. *Rivista di Psicolinguistica Applicata*, II, 1-2: 61-86.

Flower, L. S.; Hayes, J. R. 1981. Plans that guide the composing process. In C. H. Friederiksen; J. F. Dominic (Eds.). *Writing process, development and communication*, Vol. II. NJ: Lawrence Erlbaum Associates. Referido por Fabbretti e Zucchermaglio (2002: 80).

Girolami-Boulinier, A. 1987. Langage : pour une pédagogie de l'immédiateté. *Bulletin de la Société Alfred Binet et Théodore Simon*, N.º 610, I : 30-47.

Girolami-Boulinier, A. 1993. *L'apprentissage de l'oral et de l'écrit*. Collection «Que sais-je ?», N.º 2717. Paris : Presses Universitaires de France.

Goldman Eisler, F. 1968. *Psycholinguistics. Experiments in spontaneous speech*. London and New York: Academic Press.

Grant-Davie, K. 1995. *Functional redundancy and ellipsis as strategies in reading and writing*. (20 p.). Disponível na web em:

<http://jac.gsu.edu/jac/15.3/Articles/4.htm>, acessado em 28-03-2005.

Hayes, J. R.; Flower, L. S. 1980. Identifying the organization of writing process. In L. W. Gregg; E. R. Steinberg (Eds.). *Cognitive processes in writing* (pp. 3-30). Hillsdale, NJ: Erlbaum. Referido por McCutchen (2008: 115).

Júdice, J. 1997. Conselhos aos colonistas a benefício da concisão e clareza das suas ideias. *Caderno Vida* do semanário *O Independente*, Secção Bestiário, de 17 de Janeiro de 1997, pp. 50-51.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 26 - PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NA UNIVERSIDADE

Kemper, S.; Greiner, L. H.; Marquis, J. G.; Prenovost, K.; Mitzner, T. L. 2001. Language decline across the life span: findings from the Nun Study. *Psychology and Aging*, Vol 16, N.º 2, pp. 227-239.

Lanham, R. A. 1979. *Revising prose*. NY: Scribner. Consultado no documento *A Cure for wordiness. Richard Lanham's paramedic method for sick sentences*, disponível na web em:

www.ryerson.ca/writingcentre/students/handouts/.../lanham.pdf, (2 p), acedido em 05-09-2009.

MacArthur, C. A. 2008. The effects of new technologies on writing and writing processes. In C. A. MacArthur, S. Graham, and J. Fitzgerald (Eds.). *Handbook of writing research* (pp. 248-262). New York, London: The Guilford Press. Paperback edition.

Manly, J. J.; Schupf, N.; Tang, M.-X.; Stern, Y. 2005. Cognitive decline and literacy among ethnically diverse elders. *Journal of Geriatric Psychiatry and Neurology*, Vol. 18, N.º 4, pp. 213-217.

McCutchen, D. 2008. Cognitive factors in the development of children's writing. In C. A. MacArthur, S. Graham, and J. Fitzgerald (Eds.). *Handbook of writing research* (pp. 115-130). New York, London: The Guilford Press. Paperback edition.

Murray, D. M. 1997. The craft of revision. 3rd edition. Harcourt Brace, referido no documento intitulado *Revision. Why revision?* (pp. 1 e 2 de 4), disponível na web em: <http://oak.cats.ohiou.edu/~ef376600/Narrative/Revision%20Lesson.htm>, acedido em 05-01-2007.

Neuman, S. B.; Roskos, K. 1992. Literacy objects as cultural tools: Effects on children's literacy behaviors in play. *Reading Research Quarterly*. Vol. 27, N.º 3, pp. 203-225.

Neuman, S. B.; Roskos, K. 1997. Literacy knowledge in practice: Contexts of participation for young writers and readers. *Reading Research Quarterly*, Vol. 32, N.º 1, pp. 10-32.

Pérez Tornero, J. M. 2007. Media literacy. New conceptualisation, new approach. In Carlsson, U.; Tayie, S.; Jacquinet-Delaunay, G.; Pérez Tornero, J. M. (Eds.). 2007. *Empowerment through media education. An intercultural dialogue* (pp. 101-114). Nordicom at Göteborg University: The International Clearinghouse on children, Youth and Media in co-operation with UNESCO, Dar Graphit and the Mentor Association. (258 p.). Consultada versão impressa a partir da versão *online* disponível na web em: <http://mec.bethlehem.edu/Resources/Empowerment%20Through%20Media%20Education1.pdf>, acedido em 18-09-2009.

Piaget, J. 1979. Comments on Vygotsky's critical remarks. *Arch. Psychol.*, XLVII, N.º 183, pp. 237-249.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 26 - PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NA UNIVERSIDADE

Piaget, J.; Inhelder, B. 1975. *La psychologie de l'enfant*. Sixième édition. Collection «Que sais-je ?», N^o. 369. Paris : Presses Universitaires de France.

Pinto, M. da G. L. C. 1994. *Desenvolvimento e distúrbios da linguagem*. Coleção Linguística Porto Editora N.º 3. (pp. 41-68). Porto: Porto Editora.

Pinto, M. da G. L. C. 1998. *Saber viver a linguagem. Um desafio aos problemas de literacia*. Coleção Linguística Porto Editora N.º 11. Porto: Porto Editora.

Pinto, M. da G. L. C. 2008. *Da aprendizagem ao longo da vida ou do exemplo de uma relação ternária: agora, antes, depois*. Cadernos de Apoio Pedagógico da FLUP, C05. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Pinto, M. da G. L. C. (no prelo). A linguagem ao longo da vida. Que implicações de que gramática em que momento? Conferência apresentada no *Colóquio Gramática, História, Teorias, Aplicações*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto: 22, 23 e 24 de Outubro de 2008.

Sénéchal, M.; LeFevre, J.-A. 2002. Parental involvement in the development of children's reading skills : A five-year longitudinal study. *Child Development*, Vol. 73, N.º 2, pp. 445-460.

Sénéchal, M.; LeFevre, J.-A. ; Hudson, E. ; Lawson, E. P. 1996. Knowledge of storybooks as a predictor of young children's vocabulary. *Journal of Educational Psychology*, Vol. 88, N.º 3, pp. 520-536.

Sénéchal, M.; LeFevre, J.-A. ; Thomas, E. M. ; Daley, K. E. 1998. Differential effects of home literacy experiences on the development of oral and written language. *Reading Research Quarterly*, Vol. 33, N.º 1, pp. 96-116.

Serpell, R.; Sonnenschein, S.; Baker, L.; Ganapathy, H. 2002. Intimate culture of families in the early socialization of literacy. *Journal of Family Psychology*, Vol. 16, N.º 4, pp. 391-405.

Smith, M. C. 1995. Differences in adults' reading practices and literacy proficiencies. *Reading Research Quarterly*, Vol. 31, N.º 2, pp. 196-219.

Snowdon, D. A. 2003. Healthy aging and dementia: Findings from the Nun Study. Supplement. *Ann Intern Med.*, 139, pp. 450-454.

Snowdon, D. A.; Greiner, L. H.; Markesbery, W. R. 2000. Linguistic ability in early life and the neuropathology of Alzheimer's disease and cerebrovascular disease. Findings from the Nun Study. *Annals of the New York Academy of Sciences*, Vol. 903, Issue

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 26 - PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NA UNIVERSIDADE

Vascular Factors in Alzheimer's Disease, pages 34-38. Published online: Jan 30 2006. Disponível na web em:

<http://www3.interscience.wiley.com/journal/119038981/issue>, p. 2 of 12, acedido em 26-02-2009.

Soares, M. 2001. *Letramento. Um tema em três gêneros*. 2.^a edição. 4.^a reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Sulzby, E.; Teale, W. 1996. Emergent literacy. In R. Barr; M. L. Kamil; P. Mosenthal; P. D. Pearson (Eds.). *Handbook of reading research*. Vol. II (pp. 727-757). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.

Westby, C. E. 2000. A scale for assessing development of children's play. In K. Gitlin-Weiner; A. Sandgund; C. Schaefer (Eds.). *Play diagnosis and assessment* (pp. 15-57). New York: Wiley.

Westby, C.; Wilson, D. s/d. *Promoting emergent literacy skills in deaf preschool children through play* (24 p.). Texto inédito referido e citado com a autorização da primeira autora.

Zacchetti, M.; Vardakas, P. 2007. A European approach to media literacy. In Carlsson, U.; Tayie, S.; Jacquinet-Delaunay, G.; Pérez Tornero, J. M. (Eds.). 2007. *Empowerment through media education. An intercultural dialogue* (pp. 115-121). Nordicom at Göteborg University: The International Clearinghouse on children, Youth and Media in co-operation with UNESCO, Dar Graphit and the Mentor Association (258 p.). Consultada versão impressa a partir da versão *online* disponível na web em:

<http://mec.bethlehem.edu/Resources/Empowerment%20Through%20Media%20Education1.pdf>, acedido em 18-09-2009.